

Nas chuvas, problemas aumentam

Mas se para o secretário a precariedade nos prédios não é o maior problema, para quem diariamente trabalha ou estuda em um deles a situação é difícil. E há até quem afirme que é mais fácil se molhar estando dentro da escola do que na rua.

A afirmação pode parecer exagerada, mas é reforçada por todos os professores da Escola-Classe 31, na Cellândia Norte. A diretora interina, Maria do Rosário Almeida, diz que este é um problema evidente em vários setores do colégio, como a cantina e em algumas salas de aula, onde há muitas telhas quebradas.

"A situação é tão caótica, principalmente nesta época de chuva, que até o escoamento das águas pluviais fica constantemente entupido, alagando todo o colégio". Quanto a isso, o secretário diz que não pode fazer nada, pois o problema é da rede "e deve estar até atingindo algumas casas".

A parte elétrica da escola precisa ser reformada, alerta a professora, acrescentando que diversas vezes houve curto-circuitos nas instalações. Além

disso, na cantina, onde há um fogão industrial, o botijão de gás é comum e isso representa um grande perigo. Segundo Maria do Rosário, metade do gás é desperdiçado "e as funcionárias têm até medo de uma explosão".

Para Leopoldina Ferreira, com dois filhos na escola, o maior problema é o de segurança. "Os muros são muito baixos e qualquer pessoa consegue entrar". Já para a diretora faz tempo que não há invasão, pois sempre tem um vigia no colégio. E Fábio Bruno afirma que a segurança nas escolas está mais efetiva do que ano passado, mesmo nos pontos críticos, como Cellândia, Gama e Taguatinga, pois os muros foram levantados e o policiamento reforçado.

Esta também não é a principal dificuldade de quem trabalha ou estuda na Escola-Classe 32, também na Cellândia Norte. Ludovina Maria de Araújo, do apoio pedagógico da escola, diz que o maior problema é o do escoamento da água da chuva. "Parece que o esgoto é malffeito e quando chove muito fica tudo

alagado dentro do colégio".

A professora diz que a iluminação é precária à noite e apesar de ser uma Escola-Classe, funciona como Centro de Ensino e por isso abriga alunos da 1ª à 8ª série, "mas não tem pessoal suficiente na administração". Atualmente estão matriculados 1 mil e 500 alunos em três turnos e o inchaço tende a aumentar.

Os alunos também reclamam. Raimundo Marcos Aragão, da 5ª série, e Cláudio Alves Monteiro, na 6ª série, afirmam que o banheiro está constantemente quebrado, assim como muitas cadeiras.

Apesar de essas escolas terem sido construídas há cerca de 10 anos, seus problemas não diferem muito das mais novas. No Setor de Expansão do Setor O, onde funciona há um ano e meio a Escola-Classe 53, a professora Conceição de Araújo diz que já enfrentou problemas de segurança. Há também muitas dificuldades quando chega a época das chuvas "e, quando é tempo de seca, convivemos com um calor horrível".